

Originalmente para: VI Encontro de Leitura, Literatura Infantil e Ilustração – Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, Outubro de 2006 (versão reduzida). O texto integral será publicado nas Actas daquele encontro que se encontram no prelo.

Memórias da Revolução de Abril na Literatura para a Infância: diferentes formas de contar a mesma história

Ana Margarida Ramos

Resumo

No que respeita à História recente de Portugal, nenhum outro momento tem despertado a atenção de autores de textos preferencialmente destinados à infância e juventude (e também de editores) como o 25 de Abril de 1974. Contam-se, em Portugal, sobretudo a partir dos anos 90, várias edições (em número significativo de cariz comemorativo) claramente conotadas com a explicação, histórico-factual ou metafórica, do 25 de Abril, onde podemos incluir textos de José Jorge Letria, António Torrado, Valdemar Cruz, Manuel António Pina, Álvaro Magalhães, entre outros.

No que respeita à História recente de Portugal, nenhum outro momento tem despertado a atenção de autores de textos preferencialmente destinados à infância e juventude (e também de editores) como o 25 de Abril de 1974. Contam-se, em Portugal, sobretudo a partir dos anos 90, várias edições (em número significativo de cariz comemorativo) claramente conotadas com a explicação, histórico-factual ou metafórica, do 25 de Abril, onde podemos incluir textos de José Jorge Letria, António Torrado, Valdemar Cruz, Manuel António Pina, Álvaro Magalhães, entre outros. Neste contexto, é propósito deste estudo proceder a uma reflexão sobre as publicações mais marcantes associadas à data da Revolução de Abril, sobretudo no que à narrativa diz respeito, na tentativa de estabelecer alguns dos motivos dominantes que enformam as diferentes revisitações do momento em questão, para além de identificar alguns dos objectivos da sua edição.

No que à produção de destinatário preferencial infantil diz respeito, estamos mesmo em crer que se verifica, em relação à literatura canónica, uma maior assiduidade da temática, sobretudo em momentos mais ou menos simbólicos, como é o caso da comemoração de aniversários emblemáticos, o que explica a quantidade de obras editadas em 1999, altura da celebração dos 25 anos da Revolução de Abril. A explicação para este tratamento recorrente, em termos mais simbólicos ou mais referenciais, do 25 de Abril, dos seus antecedentes directos e das suas consequências imediatas passará, em primeiro lugar, pela consciência da sua importância e da necessidade de passar o testemunho do

significado às gerações vindouras. Mas não se esgota aqui. De alguma forma, o desencanto, possivelmente até a desilusão, da geração que fez Abril e o viveu de forma intensa, motiva a renovação da esperança nas crianças já nascidas e educadas em liberdade, provas claras da importância das conquistas da Revolução. Trata-se, em alguns casos, de subsidiar o enriquecimento de uma memória colectiva, mítica e simbólica, ligada à construção da identidade nacional e da consciência social. Depois do doutrinamento generalizado, durante várias décadas, em torno de valores conotados com o passado glorioso e imperial de Portugal, propõe-se a identificação com outros acontecimentos marcantes, reiterando as suas consequências políticas, sociais e culturais mais significativas. Não estará ausente, em muitas publicações, o cariz politicamente empenhado que identifica uma geração conotada com a resistência ao fascismo e a luta pela democracia.

O caso de José Jorge Letria revela-se, a este título, verdadeiramente marcante, como se pode perceber apenas por um levantamento não sistemático dos títulos deste autor directamente relacionados com esta questão. A sua participação social e politicamente empenhada, como autor, jornalista, músico e cantor de intervenção (cantautor), fazem dele uma das figuras mais interventivas de finais dos anos 60 e 70. Em 1999, por altura da comemoração dos 25 anos da Revolução, saem a público, da sua autoria, em diferentes editoras e com destinatários preferenciais ligeiramente diversos, três obras: *Capitães de Abril* (1999a), *Era uma vez um cravo* (1999b) e *O 25 de Abril contado às crianças... e aos outros* (1999c).

Este último, com ilustrações de João Abel Manta, assume-se como um testemunho pessoal das memórias de Abril, sobrepondo-se, de forma consciente e voluntária, o factual ao ficcional, dando conta do significado simbólico da data e das consequências que teve para Portugal e para os portugueses, permitindo ao destinatário jovem, tomar conhecimento de uma realidade aparentemente longínqua, mas crucial para a compreensão do momento actual. Nesta medida, são, sempre que possível, estabelecidas analogias com a realidade presente e com a vivência quotidiana do leitor, convidado a manter vivo o espírito de liberdade e de tolerância e os ideais da Revolução. Desde os antecedentes da Revolução, com especial destaque para a censura, para a emigração forçada dos jovens em resultado da pobreza e da opressão, para as perseguições políticas e para a guerra colonial, o autor percorre os momentos mais emblemáticos que caracterizaram este período. Em alguns casos, verifica-se uma aproximação a temas que o autor entende difíceis, mas cruciais para o entendimento completo, e nas suas várias dimensões, da História portuguesa recente. Assumindo-se como um discurso próximo do histórico e acentuadamente factual, o texto de José Jorge Letria orienta-se segundo uma linha de pensamento que defende que a criança não deve ser mantida à margem do conhecimento do mundo que a rodeia. O carácter documental da publicação está ainda patente na componente pictórica que integra o livro, uma vez que as ilustrações de João Abel Manta retomam a linguagem e o estilo de muitos cartazes de apoio ao processo que se seguiu à Revolução, com particular destaque para a ligação entre o Povo e o MFA.

Também de José Jorge Letria, o livro *Capitães de Abril* (1999a) revisita o mesmo período histórico-político, que surge como pano de fundo para uma intriga simples, girando em torno de um jovem casal que é confrontado com a madrugada da Revolução e com a possibilidade de sonhar outros sonhos e ter expectativas diferentes em relação ao

futuro. Num estilo linear e simples, o narrador pretende evidenciar o que a Revolução de Abril mudou nas famílias anónimas portuguesas e no país ao longo de vinte e cinco anos. Particularmente importantes são as referências ao movimento revolucionário pacífico e à forma como se desenrolou, pondo fim à Guerra Colonial, numa inversão clara dos símbolos de paz e guerra: «As armas e os blindados que estavam nas ruas do país eram de paz e não de guerra, eram de esperança e não de conflito. Cada uma dessas armas era tão bela como um cravo de Abril a anunciar um tempo novo» (Letria, 1999a: 53 e 54). Os acontecimentos ficcionais que estruturam a narrativa estão a serviço da factualidade e da revisitação da História e dos seus protagonistas. A explicitação espaço-temporal e a referencialidade dos nomes e das figuras alternam com um discurso profundamente emotivo, sobretudo no momento de recriar os sentimentos que invadiram as figuras (anónimas ou de proa) no dia da Revolução. A expressão do indizível aproxima-se do discurso poético mais característico do autor que não consegue (nem pretende) manter-se emotivamente indiferente em relação aos acontecimentos. Promovendo ligações entre o presente o passado, a narrativa também funciona como exortação à participação cívica e empenhada das novas gerações e à comemoração não de uma efeméride do passado, mas de uma conquista diária, efectiva e real. Da comparação entre diferentes gerações e os seus ideais sobressai um misto de desencanto e de esperança, ao mesmo tempo que se revisita, de forma nostálgica e profundamente emocionada, a madrugada e o dia da Revolução.

Também de 1999, *Era uma vez um cravo* é uma narrativa versificada, assinada por José Jorge Letria e André Letria. Do ponto de vista visual, destaca-se o grande impacto das ilustrações a preto e branco, pontuadas, em momentos muito particulares, pelo vermelho, duplamente simbólico, associado à flor em questão e ao movimento político que a suporta, e acentuado por algumas palavras do texto também coloridas e destacadas pela mesma cor. A narrativa gira em torno de D. Floripes, florista, e da forma como o cravo, por acção de uma mulher comum, se transforma em símbolo da Revolução ao ser distribuído aos militares na manhã do dia 25. A alegria de uma florista anónima, também vítima¹ da ditadura, transforma-se na exaltação de todo um povo ao ver chegar o fim de um longo período de sofrimento. Mas esta é também uma narrativa que permite perceber a ligação umbilical da Revolução à cidade de Lisboa e aos seus habitantes que a apoiaram e testemunharam desde o primeiro instante. São recuperados os elementos mais significativos desse dia, com relevo determinante para as movimentações militares e civis, para o protagonismo inesperado de Salgueiro Maia, para as canções de Zeca Afonso e para o clima de contentamento e euforia vivido. O grafismo utilizado é específico desta edição e caracteriza-se pelos jogos de alternância com diferentes tamanhos de letra. A ilustração retoma motivos característicos do ilustrador, permitindo o estabelecimento de afinidades com outras produções suas.

Em *25 de Abril – Quase como um Conto de Fadas* (1999), Conceição Lopes revisita o momento da Revolução como o fim de um tempo de opressão e de guerra. A

¹ Confrontar com: «Tinha um filho na guerra, / outro em Paris exilado / e sonhava com o dia / de os ter de novo ao seu lado.» (Letria, 1999b).

perseguição da PIDE e a Guerra Colonial são apresentadas como as consequências mais visíveis e mais terríveis de um período sombrio da história portuguesa. É feito o elogio aos resistentes, os mensageiros que transportam as palavras proibidas e o tesouro da liberdade às populações e os soldados que querem pôr fim a uma guerra injusta.

A publicação de José Vaz, *A fábula dos feijões cinzentos* (2000), apresenta-se como uma alegoria da história da ditadura portuguesa e da Revolução que lhe pôs fim através de uma narrativa “aparentemente” sobre feijões. Deixando de lado a questão de saber se um livro construído desta forma pode ou não ser eficazmente recebido por leitores infantis, pelas inúmeras alusões presentes – não muito directas –, e pela linguagem fortemente metafórica ao nível histórico, político, social, económico, religioso, etc., a obra em questão propõe-se visitar o universo da revolução de Abril, dando conta dos seus antecedentes mais directos, como é o caso da Guerra Colonial, da opressão sentida e da censura generalizada. No reino do “Jardim-à-Beira-Mar-Plantado”, cenário da intriga, a opressão toma conta de elementos essenciais à vida, como o Sol, a Água e o Ar, simbolizando, respectivamente, «a liberdade de criar», «a obrigação de distribuir o que havia» e «o direito a pensar e a ter ideias diferentes». As vozes de resistência, cada vez mais audíveis e insistentes, dos feijões cinzentos permitem a mudança e a introdução da cor da liberdade na vida de todos.

É também a partir de uma metáfora que António Torrado estrutura *Vassourinha entre Abril e Maio*, obra publicada em 25 de Abril de 2001 e que conta com ilustrações de João Abel Manta. O texto caracteriza-se pela insistência num conjunto muito significativo de jogos de palavras e de sons, pelo recurso à aliteração, à rima e às repetições, sobretudo na primeira parte da narrativa, promovendo sugestões paralelísticas. A divisão da acção em duas partes distintas permite a percepção de dois momentos significativos: o antes e o depois da revolta da vassoura. A primeira parte metaforiza a opressão imposta por Dona Senhora (numa alusão à expressão de senso comum utilizada para referir a Ditadura – “o tempo da outra senhora”), o controlo e a vigilância constantes. A segunda parte está associada ao momento da libertação e, com ele, a transformação operada na vida da vassoura, metáfora do povo oprimido, perseguido e subjugado. A repetição (também sob a forma anafórica) da expressão “até um dia” imprime a ideia de ruptura tão desejada, acentuando o significado do momento: «até um dia / até um dia, alvorada, / de um dia de sol ardente, / até um dia largar / por essas ruas de gente» (Torrado, 2001: 18). A vassoura ganha novo significado e novo simbolismo ao varrer do calendário o «tempo nojento e vil» (idem). O efeito de transformação fica patente na selecção vocabular de “alvorada”, “um dia de sol ardente” e «novo ano em fins de Abril» (idem) e no seu significado simbólico.

As ilustrações de João Abel Manta, de grande impacto visual pelas cores fortes e grandes manchas coloridas, cristalizam, também de forma metafórica, os motivos mais insistentes da narrativa poética de António Torrado, dando forma (e cor) ao refrão relativo à Dona Senhora, retratada de forma disfórica pela quase caricaturização de elementos anatómicos que a aproximam do estereótipo das figuras maléficas, como acontece com a forma do rosto e do nariz, e com a representação dos olhos, dos dentes e, sobretudo, das mãos quase como garras, para além da indefinição das manchas de cor e da relativa imprecisão do sinal contorno. As variações cromáticas e os jogos com os contrastes acentuam as conotações de medo e de opressão que dominam grande parte do texto.

O movimento constante da vassoura decorre, sobretudo, das ilustrações inseridas nas páginas de texto (sempre condensado e plural, promovendo várias leituras) e da recorrência das linhas circulares, além de um conjunto diversificado de animais (com particular relevo para os insectos), dando conta da exploração de que a vassoura é alvo. A transformação ocorrida é captada na imagem em que a vassoura passa a ser empunhada como uma arma, simbolizando a revolta. Atente-se, nesta ilustração, no carácter mais definido das linhas de contorno, evidenciando a determinação dos revoltosos e caminhando na via do final feliz, em liberdade, da última imagem.

O texto de Matilde Rosa Araújo “História de uma flor”, republicado em 1983 em *A Velha do Bosque*, cruza a dimensão simbólica com a histórica. A partir da narrativa centrada na vida de uma flor entaipada e ignorada “num canto escuro da terra”, é metonimicamente recriada a História sombria e pantanosa de Portugal durante a Ditadura. O momento da iluminação da flor, numa madrugada primaveril, coincide com a Revolução de Abril, implicitamente referida: «Nas ruas havia flores vermelhas por toda a parte. No peito das mulheres, dos homens, nos olhos das crianças, nos canos silenciosos das espingardas» (Araújo, 1983: 30). Mais do que um final feliz, a chegada da liberdade representa o início de um caminho a ser trilhado por todos, tal como sugere a estrutura aberta da narrativa: «E continuaram a caminhar» (idem).

A obra de Valdemar Cruz, *O Soldado e o Capitão, os Cravos e o Povão* (1999), propõe, além de um investimento no diálogo inter-geracional, uma reflexão profunda sobre elementos que hoje tomamos como adquiridos e inquestionáveis e que resultaram do empenhamento, da coragem, da luta e do sofrimento de muitos. A valorização retrospectiva do passado não visa o enaltecimento de feitos heróicos, mas o investimento quotidiano e diário na defesa e na manutenção da liberdade. Trata-se de uma aproximação, com evidentes intenções pedagógicas, às memórias mais ricas e mais marcantes da Revolução, num cruzamento de tempos e de perspectivas sobre o facto histórico mais determinante do século XX português. As ilustrações de João Caetano potenciam a leitura em diálogo permanente entre tempos diferentes. Socorrendo-se de materiais iconográficos diversificados ligados quer ao Estado-Novo quer à Revolução, o ilustrador recria-os, sobrepondo-lhes outros elementos que ancoram a narrativa no presente. Desta forma, a simples observação das ilustrações revela-se um ponto de partida pertinente para a revisitação do período histórico em causa, revelando muitos elementos da sua iconografia simbólica que lhe são completamente indissociáveis. É o que acontece em relação a alguns cartazes do MFA, caracterizados por uma linguagem visual muito particular e perfeitamente identificada.

A ilustração da narrativa *O Rapaz da Bicicleta Azul* (2004), de Álvaro Magalhães, da responsabilidade de António Modesto, também recorre, de forma mais pontual, a uma estratégia semelhante. Partindo de algumas imagens fotográficas marcantes do dia da Revolução e, em particular, da actuação de Salgueiro Maia, o ilustrador recria, à semelhança do que acontece na narrativa, um universo paralelo, a partir da história do rapaz que dá título ao livro. Recorrendo ao modelo da narrativa histórica, respeitando dados factuais e personagens referenciais (como é o caso da figura central de Salgueiro Maia), o autor propõe, com verosimilhança, uma narrativa paralela, centrada em personagens ficcionais, que cruza a primeira e a contextualiza, aproximando-a do universo de referências dos

leitores. Transformando a figura anónima e até marginal do rapaz da bicicleta em elo fulcral, verdadeiro motor, dos acontecimentos de 25 de Abril de 74, o narrador fornece uma perspectiva singular, a partir do ponto de vista de uma criança que testemunha e condiciona o desenrolar de um dia histórico. Essa visão infantil, profundamente simbólica², é reforçada pela verdadeira demanda em que se transforma o percurso do rapaz em busca de uma liberdade concreta, visível e palpável, num mundo em ruptura. Apresentada como uma metadiegeese encaixada na história principal, e apesar de narrada em terceira pessoa pelo pai de João, a história do rapaz da bicicleta azul é, afinal, uma narrativa autodiegética em que se cruzam os destinos da criança e do país.

Promovendo, pontualmente, o diálogo intertextual com o texto de Manuel António Pina, *O Tesouro*, de que falaremos adiante, assiste-se, no conto de Álvaro Magalhães, à busca do rapaz e ao seu percurso, assim como às suas tentativas de dar cor e forma à liberdade. As perguntas que dão título aos dois primeiros capítulos – “O que é a liberdade?” e “Onde está a liberdade?” – encerram as preocupações do rapaz e os elementos centrais da intriga. A resolução da diegeese, através da identificação do protagonista e da redescoberta da bicicleta simboliza a interiorização do conceito de Liberdade e a passagem do testemunho de uma geração à seguinte, na comunhão dos mesmos desafios e ideais.

O conto *O Tesouro*, de Manuel António Pina³, conhece duas edições distintas, uma vez que é publicado pela primeira vez pela APRIL com ilustrações de Manuela Bacelar e, mais recentemente, reeditado, com ilustrações de Evelina Oliveira, pela Campo das Letras. As principais alterações prendem-se com o formato da publicação e com o crescimento considerável da componente ilustrativa, para além das modificações relativas ao estilo e técnicas utilizados. Manuela Bacelar reforça o simbolismo do cravo como flor da Revolução, através da sobreposição do título da narrativa à espécie em questão. É ainda visível o crescimento paulatino do cravo ao longo das quatro imagens principais que acompanham a narrativa. Metaforizada na flor, assiste-se, pois, ao nascimento e ao crescimento da Liberdade no seio de um país e de um povo oprimidos. Evelina Oliveira sublinha a importância do momento histórico em questão através da variação cromática. Conotando a ditadura, a censura e a opressão com as cores mais escuras e a liberdade com os tons mais claros e mais vivos, as imagens que acompanham o texto promovem as sugestões de mudança e de ruptura com um período negro da História portuguesa. Mantêm-se presentes os símbolos da Revolução, da Liberdade e da Paz e é dado particular destaque a personagens infantis, destinatários preferenciais da narrativa e herdeiros do tesouro conquistado. O estabelecimento do diálogo com a geração mais

² Os simbolismos mais evidentes são, para além dos relativos ao próprio 25 de Abril e da metaforização da liberdade na flor, a própria bicicleta, meio de transporte utilizado de forma sistemática pelos resistentes, nomeadamente conotados com o Partido Comunista, a sua cor azul, a gravidez da mãe e o nascimento que ocorre mesmo no dia da Revolução, confundindo-se com ela...

³ Também da autoria de Manuel António Pina, o conto «O Romance da Revolução das Letras», incluído em *O Têpluquê* (1976), com ilustrações de João Botelho, alegoriza uma revolução que, começando pelas letras, contra as imposições gramaticais estabelecidas, se estende a todas as áreas: «Mas por mais leis que os gramáticos fizessem nunca mais conseguiram meter as letras na ordem alfabética. E depois das letras revoltaram-se as palavras, e depois os livros, e depois as biblioteca, e depois tudo» (Pina, 1976).

nova é evidente no acentuar das diferenças entre o presente e o passado. Trata-se, de uma forma muito simples e também muito acessível, de valorizar aquilo que tomamos por adquirido, atribuindo-lhe um significado particular. Parece evidente, por trás deste tipo de narrativas, a ideia de que o conhecimento do passado é decisivo para a actuação no presente, promovendo a educação de cidadãos mais conscientes e mais participativos. É neste sentido que podem ser lidas as reflexões finais do texto, tomando a Liberdade como um tesouro sob constante ameaça e apelando à sua defesa diária: «Esse país já não se chama País das Pessoas Tristes, chama-se Portugal e é o teu país. E o tesouro pertence-te a ti, és tu que agora tens de cuidar dele, guardando-o muito bem no fundo do teu coração para ninguém to roube outra vez.» (idem).

Apesar de o conjunto de textos que suporta esta reflexão ser predominantemente narrativo, não podemos deixar passar em claro o tratamento que esta temática tem conhecido por parte do texto lírico. Sem pretensões de exaustividade, atente-se num ou outro texto que recupera o simbolismo da data, dando conta das suas várias facetas:

«Abril

A este mês
se deve o milagre
da sepa
ração
das mágoas»

(Mésseder e Mangas, 2004: 45)

Neste caso, João Pedro Mésseder e Francisco Duarte Mangas, através da metonímia, reivindicam para o mês de Abril a qualidade milagrosa do fim do sofrimento, sublinhando a ideia de ruptura na translineação do substantivo “sepa/ração”. Promovendo o diálogo intertextual, pela paronímia (águas e mágoas) e pela metáfora, entre a alusão implícita à separação das águas do Mar Vermelho por Moisés a marcar a libertação dos judeus e o fim do cativo no Egito e a situação vivida em Portugal durante a ditadura, o poema festeja o cariz inaugural de um tempo novo.

Mas as memórias de um passado doloroso, de perseguições e prisões injustas também não são esquecidas. O poema que se segue pode ser entendido como uma homenagem aos resistentes durante a Ditadura. Particularmente significativas são as alusões simbólicas do texto. Depois da referência explícita à prisão de Peniche, símbolo da opressão, mas também da resistência, atente-se na importância do tratamento das sensações auditivas. Para além das referências ao silêncio imposto, aos murmúrios que constituem as vozes da resistência, à atenção redobrada dos “corvos e chacais” opressores, o poema estabelece uma clara dicotomia entre o dentro e o fora, associando a “fúria das águas” ao sentimento crescente de revolta que conduzirá à libertação:

«Em Peniche há muitos anos
(aos democratas presos durante a ditadura de Salazar)

No parlatório
da prisão de Peniche
não se ouvia a água do mar.

Murmurada,
a voz dos presos
vibrava no silêncio.

No parlatório
da prisão de Peniche
também havia corvos
e chacais
de bom ouvido.

Lá fora
a fúria das águas.» (Mésseder e Mangas, 2004: 44)

Num outro texto, publicado na mesma colectânea dos dois anteriores, é evidente o olhar crítico e profundamente irónico dos autores em relação ao exílio dos portugueses cúmplices do regime ditatorial, a partir da reescrita de um provérbio popular:

«Provérbio da Revolução dos Cravos

Em Abril,
águas mil
molharam
não sei quantos
que fugiram
para o Brasil» (Mésseder e Mangas, 2004: 48).

Em conclusão, cremos poder afirmar que, apesar de a grande maioria destes textos, cuja análise encetámos à luz da forma como revisitam e celebram a Revolução de Abril de 1974, ter, em muitos casos, de forma assumida, uma forte intenção comemorativa, não se esgotam neste objectivo. Diversificando as focalizações, procurando as pequenas estórias que se escondem atrás dos grandes acontecimentos históricos, sublinhando os elementos simbólicos e afectivos da data em questão, os textos analisados aproximam horizontes de expectativas e gerações, desafiando leituras e leitores e incentivando olhares renovados, críticos e empenhados sobre a realidade presente e passada.

Referências Bibliográficas

- ▶ ARAÚJO, Matilde Rosa (1983). «História de uma flor». In *A Velha do Bosque* (pp. 21-31). Lisboa: Livros Horizonte, 2ª edição (ilustrações de Ana Leão).
- ▶ CRUZ, Valdemar (1998). *O Soldado e o Capitão os Cravos e o Povão*. Porto: Campo das Letras (ilustrações de João Caetano).
- ▶ CRUZEIRO, Maria Manuela e MONTEIRO, Augusto José (2000). *25 de Abril – Outras Maneiras de Contar a Mesma História*. Lisboa: Editorial Notícias – Casa das Letras (ilustrações de Marta Rego).
- ▶ CUNHAL, Álvaro (2005). Os barrigas e os magriços (título posterior). *Visão*, nº 662, 10 de Novembro de 2005.
- ▶ LETRIA, José Jorge (1999a). *Capitães de Abril*. 2ª edição, Porto: Ambar (ilustrações de José Pedro Costa).
- ▶ LETRIA, José Jorge (1999b). *Era uma vez um cravo*. Lisboa: Câmara Municipal (ilustrações de André Letria).
- ▶ LETRIA, José Jorge (1999c). *O 25 de Abril contado às crianças... e aos outros*. Lisboa: Terramar Editores (ilustrações de João Abel Manta).
- ▶ LETRIA, José Jorge (2002). *Viagem à Flor de um Mês*. Porto: Campo das Letras (ilustrações de André Letria).
- ▶ LETRIA, José Jorge (2005a). *Versos com Gatos*. Lisboa: Livros Horizonte (ilustrações de Octavia Monaco).
- ▶ LETRIA, José Jorge (2005b). *Letras & Letrias*. Lisboa: Dom Quixote (ilustrações de André Letria).
- ▶ LOPES, Conceição (1999). *Vinte e cinco de Abril quase como um conto de fadas*. Porto: Livraria Civilização Editora (ilustrações de Francisco Santarém).
- ▶ MAGALHÃES, Álvaro (2004). *O Rapaz da Bicicleta Azul*. Porto: Campo das Letras (ilustrações de António Modesto).
- ▶ MÉSEDER, João Pedro e MANGAS, Francisco Duarte (2004): *Breviário da Água*, Caminho: Lisboa.
- ▶ PINA, Manuel António (1995). A revolução das letras. In *O Têpluquê e outras histórias*. (pp. 8-15) Porto: Edições Afrontamento, (ilustrações de José de Guimarães) [1ª edição de A Regra do Jogo, 1976, com ilustrações de João Botelho].
- ▶ PINA, Manuel António (2005). *O Tesouro*. Porto: Campo das Letras, 21ª edição (ilustrações de Evelina Oliveira) [1ª edição de APRIL, 1994, com ilustrações de Manuela Bacelar].
- ▶ TORRADO, António (2001). *Vassourinha*. Porto: Campo das Letras (ilustrações de João Abel Manta).
- ▶ VAZ, José (2000). *A Fábula dos feijões cinzentos. 25 de Abril, como quem conta um conto*. Porto: Campo das Letras, coleção Palmo e Meio (ilustrações de Elsa Navarro).